



DECRETO N.º. 6949 DE 09 DE FEVEREIRO DE 1982.

DENOMINA "RUA PEDRO DALAN" UMA VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto - Lei Complementar Estadual N.º. 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios), e

CONSIDERANDO que o artigo 8º. do Decreto N.º. 3476, de 11 de setembro de 1969, com a redação que lhe foi dada pelo Decreto N.º. 5690, de 14 de maio de 1979, concede ao Executivo a prerrogativa de denominar próprios, vias e logradouros públicos independentemente de manifestação da Comissão criada para opinar sobre a matéria, desde que haja indicação de vereadores integrantes da Câmara Municipal;

CONSIDERANDO existir indicação nos termos do referido diploma legal;

CONSIDERANDO que aos membros do Legislativo cabe a honrosa tarefa de colaborar com o Executivo na indicação de nomes de próprios, vias e logradouros públicos e que o seu judicioso critério de escolha é acatado pelo Executivo sem restrições,

DECRETA:

Artigo 1º. - Fica denominada "RUA PEDRO DALAN" a Rua 9 do Jardim Roseira, com início na Rua 1 e término na Rua 19 do mesmo loteamento.

Artigo 2º. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

PAÇO MUNICIPAL, 09 de Fevereiro de 1982.

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito Municipal

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR
Secretário dos Negócios Jurídicos

ENGO. JURANDYR POMPEO CAMPOS FREIRE
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico - Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado N.º. 1159, de 14 de janeiro de 1982, por indicação do Vereador Orestes Segálio e Outros, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 09 de Fevereiro de 1982.

DR. RUY DE ALMEIDA BARBOSA
Secretário - Chefe do Gabinete do Prefeito



Um policial brincalhão, que gostava de crianças

Pedro Dalan, 46 anos, casado com Odila das Neves Dalan, e pai de dois filhos, Riquel Dalan, de 18 anos, e Rinaldo Dalan, de 12. Morava na rua "9", n.º 121, no Jardim Conceição, há quatro anos.

No bairro, era um homem bastante conhecido, brincalhão... Todos gostavam dele. Um comerciante chegou a comentar que "é difícil a gente acreditar que tenham matado ele. Apesar de policial, ele era uma figura com características pouco diferentes, sempre calmo, atencioso".

Ontem pela manhã no 8.º BPM, os policiais comentavam o fato. Não se falava em vingá-lo, mas todos tinham uma idéia em comum: prender os autores do crime o mais rápido possível.

O capitão Denisale contou que "Pedro Dalan começou sua carreira na polícia atuando como guarda-civil. Depois de algum tempo foi promovido a cabo, aqui mesmo em Campinas. Ele era um homem muito calmo, trabalhador. Nunca teve problemas com a corporação".

Dalan, admitido na Polícia Militar em 1963, servia na 2.ª Cia. de Trânsito, desde 1970. Sempre trabalhou — segundo o capitão Denisale — ligado às atividades do trânsito, "onde conseguiu fazer um grande rol de boas amizades, pela maneira humana de lidar com as crianças, uma vez que atuava na frente das

escolas, ajudando-as a atravessar a rua".

Por outro lado, o capitão Denisale chegou a admitir que o fato chegou a revoltar alguns policiais militares, mais chegados a Pedro.

Uma das últimas pessoas, talvez, a dialogar com Pedro, foi o médico Walter Minicucci. Ele contou que por volta da meia-noite, quando manteve o primeiro contato com o policial, perguntou-lhe como estava passando, se o ferimento doía muito, etc. Aparentemente, segundo Minicucci, o quadro clínico de Pedro não era desesperador. Dalan estava consciente, a pulsação normal, assim como a pressão sanguínea.

Minicucci disse ainda que Dalan apresentava pronta recuperação. Mas, momentos depois, seu estado agravou-se sensivelmente. Pedro havia levado um tiro no peito, o projétil passara muito próximo do coração, perfurara o pulmão e alojara-se na espinha dorsal.

Seu sepultamento será hoje às oito horas, no Cemitério da Saudade.

Ontem de manhã, em sua casa, a sogra de Pedro Dalan, dona Tereza das Neves, comentava, chorando: "ele era um rapaz tão extrovertido, tão brincalhão, que um dia eu disse para ele, Pedro, eu acho que você se esqueceu de crescer".

Depois das investigações, apenas três suspeitos

As 23,30 horas, ou seja, 80 minutos depois do atentado contra o policial Pedro Dalan, a PM prendia Maria Aparecida da Silva, vulgo "Benê", 22 anos, solteira, no interior de uma barraca à rua 13, no Jardim das Bandeiras. Era o começo das prisões aos suspeitos.

Em companhia de "Benê" a Polícia Militar prendeu também Izabel da Silva e Neuza Claudia da Silva, ambas residentes à rua Duque de Caxias, n.º 14. No interior do barra-

co onde estavam as três mulheres a PM encontrou diversos objetos, várias facas, tipo peixeira, uma pequena porção da erva conhecida por maco-nha, uma pistola Bereta calibre 6.35, com sete projéteis intactos.

Para a polícia, tudo isso é produto de roubo. Maria Aparecida, a "Benê", afirmou aos policiais que a Bereta calibre 6.35 pertence a Luiz Carlos da Silva, vulgo "Olho de Gato" e Dirceu dos Santos, mais conhecido por "Fumaça".

(Recorte do jornal "Correio Popular", de Campinas,
do dia 30 de dezembro de 1981)



Um tiro no peito Policia reage ao assalto e é morto

Uma hora depois de ter sido alvejado por dois assaltantes, o cabo da Polícia Militar, Pedro Dalan, ainda estava consciente. E chegou a conversar, embora com muita dificuldade, com o médico da PM Walter Minicucci. Momentos depois, entretanto, seu estado de saúde agravava-se sensivelmente. E morria às 5,30 horas da manhã de ontem, no Hospital Municipal "Mário Gatti".

O resultado da necropsia acusou que Pedro Dalan recebeu apenas um tiro, na altura do peito, lado direito, cujo projétil alojara-se próximo à espinha dorsal.

Seu corpo foi velado durante o dia todo na capela da Setec, na dependência n.º 5. Amigos e familiares procuraram evitar a imprensa, para comentar o fato. Todos mostravam-se chocados. Alguns, até revoltados. Mas não se falava em vingança.

Toda a Polícia Militar foi mobilizada desde o momento em que tomou conhecimento do fato. O objetivo era um só: encontrar os dois assassinos, a todo custo.

Até o meio dia de ontem a polícia civil já havia detido pelo menos três elementos suspeitos, um dos quais (a polícia não quis fornecer o nome para não prejudicar as investigações) foi liberado, pois argumentou, veementemente, que não participara da morte do policial.

No pátio da Delegacia Seccional, alguns PMs comentavam a morte, "brutal", do amigo. Um deles elogiou a coragem do amigo policial afirmando: "mesmo sabendo dos perigos que estava correndo, ele teve a coragem de reagir. Não se intimidou frente às armas dos bandidos".

Outro policial concluiu dizendo que "mesmo ferido, sangrando, sacou sua arma e descarregou-a em direção dos bandidos. Infelizmente, não atingiu nenhum deles".

O CRIME

Eram quase 11 horas da noite de anteontem. O cabo Pedro Dalan, policial há mais de vinte anos, não estava em serviço. Na rua Padre Bernardes da Silva, no São



O PM Pedro Dalan

Bernardo, ele estacionou seu carro, um Corcel branco, placas RB-0885, em frente à empresa Demarco Agenda. Tinha acabado de parar o carro quando dois elementos aproximaram-se dele, dizendo: "é um assalto". Dalan, muito calmo, como sempre, não entrou em pânico. E instintivamente, reagiu. Procurou sua arma. Essa fração de segundos bastou para que um dos bandidos assaltantes atirasse primeiro no policial. Talvez por medo.

Mesmo ferido, Dalan ainda conseguiu alcançar seu revólver, um Rossi 38, e atirar contra os dois elementos que, rapidamente, fugiram a pé. O policial ainda tentou sair em busca de socorro. Deu partida no carro e saiu. Mas não conseguiu ir muito longe. Sangrando muito, Dalan não conseguiu controlar muito bem o seu Corcel.

Ao atingir a Av. das Amoreiras, perdeu os sentidos. Incontrolado, o auto chocou-se com o muro da residência de n.º 1797 daquela avenida. Seu estado de saúde parecia muito grave. Foi então que apareceu um homem, Osvaldo Paschoal Cartesani, que o socorreu, transportando-o ao Hospital Municipal Mário Gatti.

Pedro Dalan ainda estava vivo. Mas o tiro lhe fora fatal e às 5,30 horas da manhã de ontem, após sofrer uma cirurgia no Mário Gatti, ele morria.

(Do jornal "Correio Popular" do dia 30-dezembro-1981)

CORREIO POPULAR

Quarta-feira, 30 de dezembro de 1981



Um tiro no peito Policial reage ao assalto e é morto

Uma hora depois de ter sido alvejado por dois assaltantes, o cabo da Polícia Militar, Pedro Dalan, ainda estava consciente. E chegou a conversar, embora com muita dificuldade, com o médico da PM Walter Minicucci. Momentos depois, entretanto, seu estado de saúde agravava-se sensivelmente. E morria às 5,30 horas da manhã de ontem, no Hospital Municipal "Mário Gatti".

O resultado da necropsia acusou que Pedro Dalan recebeu apenas um tiro, na altura do peito, lado direito, cujo projétil alojara-se próximo à espinha dorsal.

Seu corpo foi velado durante o dia todo, na capela da Selec, na dependência n.º 5. Amigos e familiares procuraram evitar a imprensa para comentar o fato. Todos mostravam-se chocados. Alguns, até revoltados. Mas não se falava em vingança.

Toda a Polícia Militar foi mobilizada desde o momento em que tomou conhecimento do fato. O objetivo era um só: encontrar os dois assassinos, a todo custo.

Até o meio dia de ontem a polícia civil já havia detido pelo menos três elementos suspeitos, um dos quais (a polícia não quis fornecer o nome para não prejudicar as investigações) foi liberado, pois argumentou, veementemente, que não participara da morte do policial.

No pátio da Delegacia Seccional, alguns PMs comentavam a morte, "brutal", do amigo. Um deles elogiou a coragem do amigo policial afirmando: "mesmo sabendo dos perigos que estava correndo, ele teve a coragem de reagir. Não se intimidou frente às armas dos bandidos".

Outro policial concluiu dizendo que "mesmo ferido, sangrando, sacou sua arma e descarregou-a em direção dos bandidos. Infelizmente, não atingiu nenhum deles".

O CRIME

Eram quase 11 horas da noite de anteontem. O cabo Pedro Dalan, policial há mais de vinte anos, não estava em serviço. Na rua Padre Bernardes da Silva, no São



O PM Pedro Dalan

Bernardo, ele estacionou seu carro, um Corcel branco, placas RB-0885, em frente à empresa Demarco Agenda. Tinha acabado de parar no carro quando dois elementos aproximaram-se dele, dizendo: "é um assalto". Dalan muito calmo, como sempre não entrou em pânico. E instintivamente reagiu. Procurou sua arma. Essa fração de segundos bastou para que um dos bandidos assaltantes atingisse primeiro no policial. Talvez por medo.

Mesmo ferido, Dalan ainda conseguiu alcançar seu revólver, um Rossi 38, e atirar contra os dois elementos que, rapidamente, fugiram à pé. O policial ainda tentou sair em busca de socorro. Deu partida no carro e saiu. Mas não conseguiu ir muito longe. Sangrando muito, Dalan não conseguiu controlar muito bem o seu Corcel.

Ao atingir a Av. das Amoreiras, perdeu os sentidos. Incontrolado, o auto chocou-se com o muro da residência de n.º 1787 daquela avenida. Seu estado de saúde parecia muito grave. Foi então que apareceu um homem, Osvaldo Paschoal Cartesani, que o socorreu, transportando-o ao Hospital Municipal Mário Gatti.

Pedro Dalan ainda estava vivo. Mas o tiro lhe fora fatal e às 5,30 horas da manhã de ontem, após sofrer uma cirurgia no Mário Gatti, ele morria.

Um policial brincalhão, que gostava de crianças

Pedro Dalan, 46 anos, casado com Odila das Neves Dalan, e pai de dois filhos, Raquele Dalan, de 18 anos, e Rinaldo Dalan, de 12. Morava na rua "9", n.º 121, no Jardim Conceição, há quatro anos.

No bairro, era um homem bastante conhecido, brincalhão... Todos gostavam dele. Um comerciante chegou a comentar que "é difícil a gente acreditar que tenham matado ele. Apesar de policial, ele era uma figura com características, pouco diferentes, sempre calmo, atencioso".

Ontem pela manhã, no 3.º BPM, os policiais comentavam o fato. Não se falava em vingá-lo, mas todos tinham uma idéia em comum: prender os autores do crime o mais rápido possível.

O capitão Denisale contou que Pedro Dalan começou sua carreira na polícia atuando como guarda civil. Depois de algum tempo foi promovido à cabo, aqui mesmo, em Campinas. Ele era um homem muito calmo, trabalhador. Nunca teve problemas com a corporação".

Dalan, admitido na Polícia Militar em 1963, servia na 2.ª Cia. de Trânsito, desde 1970. Sempre trabalhou — segundo o capitão Denisale — ligado às atividades do trânsito, "onde conseguiu fazer um grande rol de boas amizades, pela maneira humana de lidar com as crianças, uma vez que atuava na frente das

escolas, ajudando-as a atravessar a rua".

Por outro lado, o capitão Denisale chegou a admitir que o fato chegou a revoltar alguns policiais militares, mais chegados a Pedro.

Uma das últimas pessoas, talvez, a dialogar com Pedro, foi o médico Walter Minicucci. Ele contou que por volta da meia-noite, quando manteve o primeiro contato com o policial, perguntou-lhe como estava passando, se o ferimento doía muito, etc. Aparentemente, segundo Minicucci, o quadro clínico de Pedro não era desesperador. Dalan estava consciente, a pulsação normal, assim como a pressão sanguínea.

Minicucci disse ainda que Dalan apresentava pronta recuperação. Mas, momentos depois, seu estado agravou-se sensivelmente. Pedro havia levado um tiro no peito, o projétil passara muito próximo do coração, perfurara o pulmão e alojara-se na espinha dorsal.

Seu sepultamento será hoje às oito horas, no Cemitério da Saudade.

Ontem de manhã, em sua casa, a sogra de Pedro Dalan, dona Tereza das Neves, comentava, chorando: "ele era um rapaz tão extrovertido, tão brincalhão, que um dia eu disse para ele, Pedro, eu acho que você se esqueceu de crescer".

Depois das investigações, apenas três suspeitos

As 23,30 horas, ou seja, 80 minutos depois do atentado contra o policial Pedro Dalan, a PM prendia Maria Aparecida da Silva, vulgo "Bené", 22 anos, solteira, no interior de uma barraca à rua 13, no Jardim das Bandeiras. Era o começo das prisões aos suspeitos.

Em companhia de "Bené" a Polícia Militar prendeu também Izabel da Silva e Neuza Claudia da Silva, ambas residentes à rua Duque de Caxias, n.º 14. No interior do barra-

co onde estavam as três mulheres, a PM encontrou diversos objetos, várias facas, tipo peixeira, uma pequena porção de erva conhecida por maconha, uma pistola Bereta calibre 6,35, com sete projéteis intactos.

Para a polícia, tudo isso é produto de roubo. Maria Aparecida, a "Bené", afirmou aos policiais que a Bereta calibre 6,35 pertence a Luiz Carlos da Silva, vulgo "Olho de Gato" e Dirceu dos Santos, mais conhecido por "Fumaça".